FEDRA

de Jean Racine
(1639-1699)

Resumo da Narrativa

O teatro clássico francês foi a última tentativa de retomar o modelo dramático da antiguidade, recuperando a estrutura da obra trágica grega e a base política do enredo, preconizadas por Aristóteles na "Poética". Confirmando o parentesco, Otto Maria Carpeaux vê em Racine um "Sófocles" francês. Segundo o crítico, Racine é o único dramaturgo que conseguiu criar uma tragédia comparável à grega e é *"o poeta mais perfeito da língua francesa"*.

O tema de Fedra, que estreou no dia 1º de janeiro de 1677, já havia sido tratado na antiguidade no "Hipólito" de Eurípedes e no "Fedra" de Sêneca. Em ambos os casos, de modo diferente de Racine, que produziu de longe o resultado mais complexo dos três.

A ação passa-se em Trezena, cidade do Peloponeso onde Fedra, mulher de Teseu, rei de Atenas, aguarda o reaparecimento do marido que sumira numa expedição em busca de conquistas. Fedra é filha de Minos e e de Pasífae, reis de Creta. Tambe é irmã de Ariadne e meia-irmã do Minotauro. A família de Fedra é sistematicamente perseguida por Afrodite que a submete caprichosamente a luxúrias. Também está em Trezena, para onde havia sido desterrado pela madrasta, Hipólito, filho de Teseu com a rainha das Amazonas, chamada Hipólita ou Antíope. Hipólito fará o contraponto dramático de Fedra.

Teseu está desaparecido há meses.

O tempo fabulativo é antes da guerra de Tróia. O herói Teseu é o mesmo rei de Atenas que recebe Édipo em Colono, o protege e testemunha a sua morte. Para os atenienses, Teseu é comparável a Héracles que, aliás, o salva de sua prisão nas profundezas do Hades, segundo a versão mais aceita para o longo desaparecimento do rei de Atenas.

Ato I

Hipólito comenta com seu amigo Terámenes que não pode mais esperar a volta do pai, porque já se *"envergonha do seu ócio"* e pretende sair à busca dele. Terámenes diz a Hipólito que já havia procurado o Rei em todos os lugares e que talvez Teseu estivesse desaparecido de propósito, porque *"esse herói não deseja uma esposa enganada..."*. Hipólito exige de Terámenes respeito para o seu pai e insiste em partir dali, para longe do *"lugar que não mais* (se) *atrev*(e) *a ver"*. Como Terámenes estranha, Hipólito esclarece:

> "HIPÓLITO
> *Acabou-se aquele tempo feliz! Tudo mudou*
> *Depois que a estas orlas, pelos Deuses trazida,*
> *Chegou a filha de Minos e Pasífae."* (pág.26)[1] → Fedra

Terámenes então lembra-se de que Fedra havia exilado Hipólito de Atenas: *"Perigosa madrasta, ela mal te conhecera e já o seu poder desterrou de Atenas"*. O amigo também menciona que Fedra, *"tomada de um mal que ocultar insiste"*, estaria muito mal e só quereria morrer, logo não poderia fazer nenhum mal ao filho de Antíope, mas Hipólito diz *"fugir de uma outra inimiga"*, Arícia, *"remanescente de um sangue fatal, contra nós Armado"*.[2] Terámenes desconfia que Hipólito, *"implacável inimigo das amorosas leis e da servidão a que* (seu) *pai dobrou-se tantas vezes"*, estaria amando a moça. Hipólito nega:

"HIPÓLITO
Quanto a mim, poderia o amor ter-me enredado?
A tal ponto teriam os Deuses me humilhado?
Tanto mais desprezível em meus desajeitados ais,
Quanto mais se excusa, Teseu, por seus feitos vários,
Eu, que nem um só monstro dominei jamais,
Terei o direito, como ele tem, de fraquejar?
E se meu orgulho se abrandasse, ao fim,
Por que eu concederia o triunfo a Arícia?
Não lembrariam meus sentidos extraviados
Do antigo impedimento que a ambos nos separa? → lei que não devia se casar
Meu pai a condena; e por meio de duras leis
Proíbe-a de dar sobrinhos a seus irmãos;
Ele teme o reverdecer de um culpado tronco;
Quer, junto com a irmã, lhe sepultar o nome,
E que, até a morte sujeita à sua tutela,
As tochas do himeneu não se acendam por ela. → leito nupcial
Devo assumir seus direitos ante um pai exasperado?
Hei de dar, então, o exemplo da temeridade?
A um louco amor minha juventude acorrentada..." (pág.29)

Teseu é conquistador Hipólito é primo de Arícia que está banida

Mas Terámenes insiste:

"TERÁMENES
Senhor, se tua hora já foi assinalada
O Céu nossas razões não vai considerar.
Teseu abre teus olhos ao pretender cerrá-los;
E seu rancor, atiçando uma chama rebelde,
A sua inimiga um novo encanto confere.
Por que recear um casto amor, afinal?
Se nele encontras ternura, por que não prová-lo?
Levarás em conta, então, um tímido zelo?
Temes, nas pegadas de Hércules, te perder? → impulsos sexuais sem controle
Qual o orgulho que, por Vênu, não foi domado?
Tu mesmo, por onde estarias, tu que A combates,
Se Antíope[3], sempre às Suas leis contrária,
A Teseu, com tímido ardor, não houvesse amado?
Mas, a que serve empregar palavras altivas?
Que não te vejo, orgulhoso e selvagem,
Fazer voar um carro ao longo da praia,
Nem, sábio na arte por Netuno inventada,
Tornar dócil ao freio um corcel indomado.
A floresta nossas vozes já ecoa menos;
Com um secreto fogo, teu olhar enlanguesce.
Impossível duvidar: estás amando e ardes;
Morres de um mal que te esforças por dissimular;
A encantadora Arícia conseguiu te fascinar?" (págs.29-30)

---

1. Nota do resumidor – Fedra havia sido mandada pra Trezena por Teseu, seu marido, apesar de Hipólito ter sido mandado para lá a pedido da madrasta.
2. Nota do resumidor – Arícia pertence à família dos Palântidas, filhos de Palantes (ou Palas), que disputavam com Teseu a herança de Egeu sobre o governo de Atenas. Palantes e Egeu eram irmãos. Os irmãos de Arícia foram dizimados pelo herói e ela proibida de se casar em Atenas.

Antes de partir, Hipólito concorda em visitar Fedra, *"pois a tanto o dever* (o) *obriga"*, quando chega agitada Enone, criada e confidente da Rainha, dizendo que Fedra *"morre de um mal que silencia"*. Com a aproximação da Rainha, Hipólito afasta-se para poupá-la de *"encarar um rosto que ela odeia".*

Fedra, que estava reclusa havia muito, caminha com dificuldades junto de Enone, diz que seus *"olhos estão cegos com a luz que volta a ver"* e que *"tudo* (a) *aflige, fere e conspira para magoá*-(la)*."* Enone acusa-a de demonstrar *"ódio à luz que veio procurar".* Fedra diz que veio ver o sol *"pela derradeira vez".*

"FEDRA
Nobre e radiante ancestral de uma sombria família,
Tu, de quem minha mãe ousava jactar-se como filha,
Que talvez cores pelo transtorno em que me vês;
Venho ver-te, ó Sol, pela derradeira vez". (pág.32)

Enone insiste em que sua morte, quando da sucessão de Teseu, iria colocar os filhos dela em desvantagem frente a esse *"soberbo inimigo teu e de teu sangue, o filho que a Amazona gerou em seu flanco, esse Hipólito...".* Fedra reage: *"Que nome escapou dos teus lábios, infeliz?"* Como a criada estranha a reaçao e insiste, Fedra explica: *"Morro, para não fazer uma confissão funesta".* Enone, muito curiosa, a chantageia, dizendo que havia abandonado os próprios filhos para cuidar dela: *"É à minha fidelidade conferes esse prêmio?"* Pressionada, Fedra lamenta que primeiro sua mãe tenha sido levada pelo amor a um desvario[4], que sua irmã Ariadne tenha morrido *"na orla em que foi abandonada"*[5] e agora, ela, *"já que Vênus o quer, desse sangue deplorável* (seja) *a última a perecer, e a mais miserável".*

Como a criada desconfia de uma paixão, segue-se diálogo revelador:

"ENONE
Estás amando?

FEDRA
Do amor, sinto os tormentos todos.

ENONE
Por quem?

FEDRA
Vais ouvir o maior de todos os horrores.
Amo... Ante seu nome fatal eu tremo, me arrepio.
Amo...

ENONE
A quem?

FEDRA
Conheces dessa Amazona o filho,
Esse príncipe, que eu persigo há tanto tempo?

ENONE
Hipólito? Deuses!

FEDRA
Tu pronunciaste seu nome.

---

3. Nota do resumidor – Antíope, muitas vezes chamada de Hipólita, é rainha das Amazonas com quem Teseu teria feito Hipólito, após tê-la vencido. Neste episódio, Teseu obteve a ajuda de Héracles.
4. Nota do resumidor – Pasífae, mãe de Fedra e irmã de Circe, apaixonou-se por um touro e fez com que Dédalo construísse uma vaca postiça dentro da qual se enfiou para motivar um touro indiferente. Mais tarde Pasífae deu à luz ao Minotauro, que Minos prendeu no labirinto.
5. Nota do resumidor – Ariadne ou Ariane, que entregou o novelo de lã a Teseu para orientar-se no labirinto e matar o Minotauro, foi por este seduzida e abandonada na praia de Naxos. Segundo algumas versões, Ariadne foi ali morta por Artemis, a mando de Dionísio. Segundo outras, Ariadne teria se casado com o deus.

ENONE
Justos Céus! O sangue, em minhas veias, se enregela.
Ó desespero! Ó crime! Ó raça tão funesta!
Viagem infeliz! Malfadada praia,
Por que arribamos às tuas perigosas margens?" (págs.36-37)

Fedra conta que tão logo havia visto seu *"soberbo inimigo",* seus olhos *"já não viam"* e não *"pôde mais falar"* e imediatamente havia reconhecido Vênus *"e seus fogos tão temíveis, fatais tormentos de uma raça que Ela aflige."*[6] Explica que tudo fizeram para afastar a tentação, embora adorasse Hipólito.

"FEDRA
Procurei evitá-lo. O auge da desgraça!
Meus olhos o reencontravam nos traços de seu pai;
Por fim, contra mim mesma ousei me rebelar:
A persegui-lo, incitei minha coragem.
Para banir o inimigo por mim idolatrado,
A maldade simulei de uma injusta madrasta;
Pedi seu exílio, e minhas queixas infindáveis
Do afeto e dos braços de seu pai o arrancaram
Eu respirava enfim, Enone, e com sua ausência
Meus dias, agora calmos, transcorriam na inocência.
Submissa a meu esposo, e ocultando meus males,
Cultivava os frutos de um himeneu fatal.
Inúteis precauções! Destino pernicioso!" (págs.37-38)

No entanto, tendo sido mandada por Teseu a Trezena lá *"encontrou o inimigo por ela exilado"*, como se o destino obrasse cruelmente para aproximar os dois.

Neste momento, chega por Panope, mulher do séquito de Fedra, a surpreendente notícia de que Teseu teria morrido. Panope também relata a já iniciada luta para sucessão do Rei, *"alguns dando voto ao príncipe"*, filho de Fedra, *"outros, esquecendo as leis do Estado, ao filho da estrangeira ousam dar a sua voz"*. Outros ainda estariam falando em Arícia, *"da estirpe de Palante"*, Enone aconselha sua ama a defender os direitos de seu filho, unindo-se a Hipólito: *"E ambos, tu e ele, têm uma certeira inimiga: deveis unir-vos para combater Arícia".*

espíritos

Ato II

Arícia conversa com Ismênia, sua confidente, sobre a morte de Teseu, que lhe permitiria deixar *"de ser escrava".* Ismênia confirma: *"Não, os Deuses não são mais contrários a ti: às sombras de teus irmãos, já Teseu se reuniu".* Como Hipólito teria chances de governar, Ismênia vê esperanças para Arícia recuperar sua posição social, mas ela está descrente, porque vê indiferença no rapaz em relação a ela e às mulheres em geral:

"ARÍCIA
O indiferente Hipólito te é conhecido?
Com que fútil esperança crês que me lamenta,
E só em mim respeite um sexo que ele desdenha?
Faz algum tempo já que ele evita encontrar-nos,
Procurando os lugares que não freqüentamos." (págs.42-43)

Ismênia insiste em que Hipólito está apaixonado por Arícia: *"Dizê-lo apaixonado talvez ofenda seu brio. Mas, de apaixonado tem o olhar, se a boca não o diz".* Arícia, proibida por Teseu para os atenienses porque *"receiam que, da irmã, o intrépido amor reanime, um dia, a cinza de seus irmãos",* confessa à amiga seus verdadeiros sentimentos por Hipólito:

---

6. Nota do resumidor – Afrodite persegue as descendentes de Hélio (Sol), Pasífae, Fedra e Ariadne, por Hélio ter revelado os amores clandestinos com Ares. Hefesto, o marido traído, com esta informação, preparou um flagrante espetacular da dupla, desmascarada no "ninho de amor" por todos os deuses às gargalhadas.

"ARÍCIA
Mas, sabes também com que olhar desdenhoso
Eu via o zelo de um vencedor suspeitoso.
E sendo eu, também, aos liames do amor avessa
Rendia graças ao tirânico Teseu,
Cujo rigor propício meu desdém secundava.
O olhar, então, em seu filho eu inda não pousara.
Não que, pelo sortilégio do olhar tomada,
Eu ame sua beleza e graça tão louvadas,
Dons com que a natureza desejou honrá-lo,
E que ele menospreza e parece ignorar.
Amo e nele prezo outras mais nobres riquezas:
As virtudes de seu pai; mas não suas fraquezas.
Amo, te confesso, esse orgulho generoso
Que nunca sujeitou-se ao jugo amoroso.

(...)

É isso o que desejo e eis o que me exaspera:
Hipólito custa mais a desarmar-se do que Hércules,
Que, vencido muitas vezes e depressa amansado,
Poucos honrava o olhar que o havia dominado.
Ai, que imprudência a minha, querida Ismênia!
Hipólito vai me opor toda a sua resistência.
Talvez inda me ouças em meus pesares, humilde,
Chorar por causa desse orgulho, que hoje admiro.
Hipólito estará me amando? Por que ventura extrema
Terei vergado..." (págs.43-44)

Chega Hipólito para comunicar a Arícia a morte do pai dele, *"o sucessor de Alcides"*[7], e libertá-la de *"uma tutela austera"*. *"Nesta Trezena, que já me vê como rei, deixo-te liberta, e muito mais livre do que eu".* Hipólito relembra que *"incerta quanto à escolha de um sucessor, Atenas fala em ti, em mim, e no filho de Fedra também".* O rapaz sugere ficar com Trezena, entregar as *"capinas de Creta"* ao filho de Fedra e a Ática a Arícia, que a teria por direito de seus ancestrais. A moça fica muito surpresa:

"ARÍCIA
Com justiça, teu renome pelo mundo se espraia!
Mas, tua fama pela realidade é superada!
Queres, em meu favor, a ti mesmo atraiçoar?
Já não seria o suficiente não me odiar,
E ter, por tanto tempo, protegido tua alma
Contra essa inimizade que...?" (págs.46-47)

Hipólito declara-se apaixonado por Arícia:

"HIPÓLITO
Que transtorno é esse que me aparta de mim mesmo?
Um só instante venceu minha imprudente audácia:
Esta alma soberba, por fim, está domada. → pela Arícia
Faz quase seis meses[8] *que, em desespero e envergonhado,*
Na carne levando o dardo que me estraçalha,
Contra mim e contra ti, me debato inutilmente.
Se estás presente, fujo; te busco, se te ausentas;
A tua imagem me segue aos profundos bosques". (pág.47)

Estão juntos Fedra, Enone e Hipólito. Fedra, que julga estar com os dias contados, pede ao enteado que proteja o seu filho já que *"mil inimigos já conspiram contra ele e apanas ele* (Hipólito) *pode abraçar sua defesa",* mas declara temer que o filho da Amazona em breve *"castigue, nele, esta mãe odiosa".* Hipólito responde: *"Não abrigo tão baixos sentimentos, Rainha".*

Fedra se penitencia pelas perseguições feitas a Hipólito que ele, condescendente, atribui aos ciúmes legítimos de um a mulher ao filho ilegítimo de seu marido com outra, mas ela nega e esclarece:

> "FEDRA
> *Ah Príncipe! O Céu, ouso aqui afirmar-te,*
> *Dessa lei corriqueira decidiu me isentar.*
> *Uma ânsia bem diversa me perturba e me devora!*
>
> (...)
>
> *Mas, não. Ele não está morto, já que em ti respira.*
> *Diante dos olhos, creio ter meu esposo ainda vivo.*
> *Eu o vejo e lhe falo; e meu coração... Perco-me,*
> *Este louco ardor, a meu pesar, se desvenda."* (pág.51)

Fedra está cada vez mais direta e, relembrando os feitos de Teseu em Creta, diz ao enteado que *"contigo adentrando o Labirinto, a teu lado estaria salva ou, então, perdida"*. Hipólito finalmente compreende e se assusta:

> "FEDRA
> *Ah, me entendeste bem demais.*
> *Falei-te o bastante para que não te enganasses.*
> *Conhece, agora, Fedra em sua insanidade:*
> *Amo. Não penses que ao te amar, mesmo que inocente*
> *Eu me reconheça, só por isso o aceite.*
> *Nem que, do louco amor que me perturba a mente,*
> *Minha torpe complacência tenha nutrido o veneno.*
> *Alvo infortunado de vinganças celestes,*
> *Eu me odeio ainda mais do que tu me detestas.*
> *Os Deuses o sabem, esses Deuses que atearam*
> *No meu corpo o fogo fatal a toda a minha raça,*
> *Esses Deuses que se comprazem na glória cruel*
> *De seduzir o coração de uma frágil mortal.*
> *Tu, em tua memória, o passado recompõe:*
> *Não me bastou te evitar, cruel, eu te expulsei;*
> *Tentei parecer-te desumana e odiosa;*
> *Para melhor te resistir, provoquei teu ódio.*
> *Com meus inúteis cuidados, que proveito alcancei?*
> *Odiavas-me sempre mais, e eu não te amava menos.*
> *Tua desgraça conferia-te um novo encanto.*
> *Eu definhei, me consumi nas chamas e no pranto:*
> *Os teus olhos bastam para que te convenças,*
> *Se teu olhar puder em mim pousar por um momento.*
> *Que digo? A confissão que acabas de escutar,*
> *Essa confissão vergonhosa não foi natural;*
> *Temerosa por um filho que não ousei trair,*
> *Vinha implorar-te que não lhe foras hostil.*
> *Frágeis projetos de um coração pelo amor possesso!*
> *Ai de mim! Consegui falar em ti, apenas.*
> *Vinga-te e me pune por esse amor odioso,*
> *Digno filho do herói que a vida te legou.*
> *Livra o mundo de um monstro que te exaspera.*
> *A viúva de Teseu ousa amar Hipólito!*
> *Ouve: este monstro horrível não deve te escapar.*

---

7. Nota do resumidor – Alcides é o nome de batismo de Héracles que recebeu este novo nome, que significa "a glória de Hera", para agradar a deusa que perseguia a criança. Não adiantou.
8. Nota do resumidor – Seis meses é mais ou menos o prazo em que Teseu já está fora do seu reino.

Eis meu coração! É nele que tens de acertar.
Ansioso por querer expiar sua ofensa,
Na direção do teu braço, ei-lo que se lança.
Fere! Ou se o crês indigno de teus golpes,
Se tão doce suplicio me é negado por teu ódio,
Se a mão com sangue vil não queres ver manchada
E teu braço se recusa, dá-me a tua espada.[9]
Dá!" (págs.53-54)

Enone afasta Fedra, que sai com a espada de Hipólito. Chega Terámenes anunciando que *"as velas estão prontas"* e comunicando que o filho de Fedra havia sido aclamado rei de Atenas, mas também dá conta dos rumores de que Teseu poderia estar vivo e que já teria sido visto em Epiro.

Ato III

Fedra está arrependida de ter falado demais: *"Minha paixão ousou, às claras, derramar-se".* Enone a consola com a perspectiva de um reinado, mas Fedra está desalentada.

"FEDRA
Eu reinar? Conduzir um Estado sob minha lei,
Se minha débil razão sobre mim já não reina?!
Se perdi o governo de todos os meus sentidos?!
Se, baixo um vergonhoso jugo, mal viver consigo?!
Se estou morrendo?!" (pág.57)

Enone quer que ela fuja dali, mas Fedra diz que não consegue deixar Hipólito. A empregada apela para o orgulho da patroa: M*as, se com ofensas alguma vez sofreste, como podes, de um soberbo, relevar o desprezo?"* elembra Fedra de que Hipólito havia sido gerado no ventre de uma bárbara e que teria pelas mulheres um *"ódio fatal".* Fedra mantém as esperanças de que ele a corresponda e julga que o poder é o *"ponto mais sensível"* de Hipólito. Manda Enone oferecer-lhe a coroa de Atenas. Enquanto a serva corre ao porto para interceptar a partida do rapaz, Fedra, sozinha, acusa Vênus:

"FEDRA
Ó Tu, que vês a vergonha em que me acho imersa,
Vênus implacável, não Te basta minha queda?
Já não podes levar mais além Tua crueldade;
Teu triunfo é perfeito: foste exímia com Teus dardos.
Mas, se aspiras a uma glória renovada, cruel,
Ataca um inimigo que Te seja mais rebelde:
Hipólito Te escapa; e Tua ira desafiando,
Os joelhos dobrou jamais frente a Teu altar.
Teu nome parece ofender seu ouvido soberbo.
Vinga-te, Deusa: nossas causas são as mesmas.
Faz com que ele me ame... Mas já retornas, Enone,
Ele me detesta, e nem sequer te escutou!" (pág.59)

Na sua volta, Enone, na verdade, traz a notícia do reaparecimento de Teseu, que dirige-se para o palácio: *"O povo, para vê-lo, precipita-se e corre".*Ao saber da notícia, Fedra desespera-se: *"Céus!O que foi que, hoje, eu fiz?"*

A Rainha teme que Hipólito a denuncie a Teseu, o que geraria escândalo tão grande ao ponto de seus filhos *"jamais ousem seu olhar erguer".* Enone, que teme o mesmo desfecho, convence Fedra a não permitir a Hipolito *"uma vitória cabal",* acusando-o *"antes que ele o faça"*, com base na prova da espada deixada nas mãos dela. Como Fedra reluta em *"oprimir e difamar a inocência"*, Enone lhe garante que *"Teseu indignado com a revelação, ao desterro do filho limitará sua punição. Um pai, mesmo castigando, é sempre pai. Para sua cólera, uma leve pena basta"*. Conclui com grande autoridade:

---

9. Nota do resumidor – Indisfarçável é o "sabor" sexual da entrega da espada de Hipólito a Fedra.

"ENONE
Para salvar a tua honra abalada, urge
Tudo sacrificar, até mesmo a virtude.
Alguém se aproxima. Vejo Teseu." (pág.62)

Chega Teseu e oferece seus braços a Fedra, que os recusa dizendo:

"FEDRA
Pára. Teseu,
E esse encantador enlevo não degrades.
Não mais mereço tuas ternas palavras.
Foste ultrajado, pois o destino ciumento
Sobre tua esposa abateu-se em tua ausência.
Indigna de acarinhar-te ou de me aproximar,
De hoje em diante, só posso te evitar". (pág.63)

Teseu comenta com Hipólito o *"o estranho acolhimento recebido",* mas seu filho diz que só Fedra pode explicá-lo e pede autorização do pai para que *"*(seu) *temeroso filho desapareça de onde* (sua) *esposa habita",* prometendo que *"se acaso algum monstro* (lhe) *escapou, permita que o premio de seus despojos a* (seus) *pés deponha".*

Teseu vê, neste pedido, rejeição também da parte de Hipólito e lamenta-se: *"Se ao voltar sou tão temido e pouco desejado, de minha prisão – ó Céu! – por que me tiraste?"*

"TESEU
E quando, emocionado, penso em retornar
A tudo que os Deuses me deram de mais caro...
Que digo? Quando minha alma, enfim dona de si,
Alegra-se com uma visão tão querida,
Esquivamente me recebem, na chegada.
Todos fogem e recusam-me a meu abraço.
E eu, percebendo o terror que lhes inspiro,
Preferia ainda estar nas prisões do Epiro[10].
Diz: Fedra se lamenta porque fui ultrajado.
Quem me traiu? Por que não fui vingado?
A Grécia, por meu braço tantas vezes servida,
Ofereceu, ao criminoso, seu asilo?
Não me respondes? Meu filho, meu próprio filho,
Está em conivência com meus inimigos?
A dúvida que me atormenta é insuportável.
Entremos. Quero conhecer o crime e o culpado.
E que Fedra me explique a aflição em que a vejo. (pág.65)

Hipólito tem maus pressentimentos.

Ato IV

Enone relata ao rei o pretenso assédio que Fedra teria sofrido pelo enteado. Teseu reage furiosamente: *"Que vens dizer? Esse traidor temerário tamanha ofensa urdia à honra de seu pai?"* Por este estratagema, Enone explica o silêncio de sua patroa e revela uma pretensa tentativa de suicídio:

"ENONE
Não, ela poupava um desventurado pai.
Envergonhada com o anseio de um louco enamorado
E com a centelha criminosa de seu olhar,

10. Nota do resumidor – Epiro é o nome de uma região da Grécia onde habitaria um rei cuja mulher Teseu e Peritoô teriam tentado raptar na aventura imediatamente vivida. Outra versão mais conhecida põe a dupla no próprio Hades, tentando raptar Perséfone, mulher do rei das sombras. Esta é a versão de Eurípedes na qual Teseu é salvo por Hércules.

Fedra escolheu morrer e sua mão homicida
Quis a inocente luz de seus olhos extinguir.
Corri para detê-la, quando a vi erguer o braço!
Para teu amor, só eu consegui salvá-la.
E lamentando sua inquietação e teu abalo,
Estou, sem querer, dando voz às suas lágrimas." (pág.67)

Teseu, furioso, encontra o filho e lhe diz na cara: *"Ah, ei-lo aqui. Com esse porte nobre – ó Deuses! – Quem não se enganaria como eu me enganei?"* Hipólito não entende aquelas palavras e pede explicações ao pai: *"Não ousas confiar teu segredo a meu silêncio?"* Teseu, no entanto, cego pelo ódio, está fora de si:

"TESEU
Traidor, como ousas te mostrar a minha frente?
Monstro, poupado pelo raio há tanto tempo,
Resto impuro dos bandidos que da terra eliminei!
Depois que a voragem de um amor execrável
Arrastou seu furor ao leito de teu pai,
Ousas frente a mim erguer teu rosto adverso?
Surges neste lugar, que a tua vileza infesta,
E não vais, sob céu desconhecido, procurar
Terras onde meu nome não tenha chegado?
Foge, traidor. Não venhas desafiar minha ira
E afrontar um ódio que mal reter consigo." (pág.69)

Teseu jura o filho de morte, invocando Netuno, seu devedor, para a execução da tarefa:

"TESEU
E Tu, Netuno, se antes minha coragem
De infames assassinos limpou Tuas praias,
Lembra-Te que, por prêmio dos esforços meus,
Prometeste realizar um pedido meu.
No prolongado rigor de uma prisão cruel,
Jamais invoquei o Teu imortal poder,
Cioso do socorro que espero de Teu desvelo,
Para maiores necessidades Te guardei.
Invoco-Te, hoje. Vinga este pai inditoso:
Entrego à Tua cólera esse traidor:
Afoga em sangue seu afrontoso desejo..
Na Tua fúria, somente bênçãos acharei." (pág.69)

Hipólito dá-se conta de que Fedra o acusa de um amor criminoso, diz que sua alma *"se enregela com tamanho horror"*, nega tal desfeita, mas Teseu diz que *"a espada deixada com a madrasta o incriminava."* Hipólito não acusa Fedra, mas alega inocência para si, oferecendo sua história como testemunha:

"HIPÓLITO
E sem mais aprofundares tuas aflições,
Olha a minha vida e considera quem sou.
Um que outro crime precede sempre os grandes crimes.
Quem ousou cruzar as barreiras legítimas,
Pode violar, também, os direitos mais sagrados.
Assim como a virtude, o crime tem seus graus;
E jamais foi vista a recatada inocência
Passar, subitamente, à extrema licença.
Um dia apenas não faz de um mortal virtuoso
Um traidor assassino, um covarde incestuoso." (pág.70)

Teseu, irredutível (pela cólera), acusa o filho de, apesar de a *"qualquer outro amor indiferente"*, ter se deixado fascinar por Fedra, "sua mãe". Hipólito nega e confessa ao pai que sua vontade, na verdade, está sujeita *"às leis de Arícia":*

"HIPÓLITO
Minha vontade está sujeita às leis de Arícia.
A filha de Palante triunfou sobre teu filho.
Adoro-a, e minha alma, às tuas ordens rebelde,
Somente pode arder e suspirar por ela." (pág.71)

Teseu vê na declaração de amor à Arícia apenas uma desculpa, já que *"todos celerados recorrem à perfídia",* e exila Hipólito para que, sem que o rapaz saiba, possa ser morto por Netuno.

"TESEU
Procura amigos cuja admiração funesta
Venera a traição e aplaude o incesto:
Traidores e ingratos sem honra nem lei,
O malvado que és, são dignos de proteger." (pág.72)

Hipólito aceita o exílio, mas alega que Fedra nasceu de um sangue "*mais pejado*"[11] do que o dele, e que só faz encolerizar mais ainda o pai: *"Vai traidor. Não esperes que, encolerizado, faça daqui vergonhosamente te arrastarem".* Quando Hipólito sai, Teseu, que conta com a ação justiceira de Netuno, lamenta-se:

"TESEU
Já houve, por acaso, um pai tão ultrajado?
Ó Deuses, testemunhas da dor que me abate,
Por que um filho, que é só culpa, terei gerado?" (pág.73)

Fedra, ao ouvir as palavras exaltadas do marido, vem procurar Teseu e pedir-lhe que poupe o filho:

"FEDRA
Tomada de grande receio venho procurar-te.
Tua ordem terrível fez-se ouvir onde eu estava.
Temo que um pronto efeito siga-se a tua ameaça.
Se ainda em tempo está, poupa a tua raça.
Tua estirpe respeita, ouso te suplicar.
Salva-me do horror de ouvir Hipólito gritar.
Ah, não me provoques a eterna aflição
De ter induzido a mão paterna a verter seu sangue." (pág.73)

O Rei, no entanto, garante-lhe que ela seria devidamente vingada, porque o rapaz teria acusado Fedra de ter *"a boca cheia de injúrias"*[12], mas ao reportar à mulher que Hipólito havia declarado estar apaixonado por Arícia, a Rainha reage em choque: *"Quê, senhor?"*

Mais tarde, sozinha, conclui amargamente:

"FEDRA
Hipólito é capaz de amar e nada sente por mim!
Seu coração, sua palavra, são de Arícia!
Céus! Quando o inflexível ingrato a meu desejo
Opunha a temível face e o olhar soberbo,
Julgava que seu peito, ao amor sempre fechado,
Contra todo meu sexo estivesse igualmente armado.

---

11. Nota do resumidor – Por sortilégios produzidos por Afrodite, a mãe de Fedra, Pasífae apaixonou-se por um touro e com ele teve o Minotauro, meio-irmão de Fedra, portanto. Outra versão conta que Netuno teria produzido tais acontecimentos para vingar-se de Minos.

12. Nota do resumidor – Na verdade, Hipólito nunca fez esta acusação ou qualquer outra, tendo no máximo insinuado a depravação da família da madrasta.

Uma outra, enquanto isso, vergou sua resistência.
A graça, ante seu olhar cruel, uma outra obteve.
Talvez ele tenha um coração fácil de se abrandar
E eu seja a única que ele não pode suportar;
E deveria eu tomar a mim sua defesa?" (pág.75)

Para Enone, Fedra confidencia que *"esse tigre, que sem medo não abordei jamais, apresado, conheceu uma vencedora: Arícia achou a senda do seu coração".*

Tomada por ciúmes, Fedra quer a todo custo impedir aquela *"utrajante ventura"* e decide: *"Urge destruir Arícia. Urge, de meu esposo reacender a ira contra um sangue odioso: Que Teseu não se limite a uma leve condenação. O delito da irmã supera o crime dos irmãos."* Descontrolada, Fedra considera para si as mais sombrias perspectivas:

"FEDRA
Cada palavra minha faz eriçar-se meu cabelo.
Meus crimes ultrapassam já qualquer medida.
O incesto e a impostura dentro de mim abrigo.
Minhas mãos homicidas, prontas a se vingar,
Em sangue inocente ardem por mergulhar.
Miserável! E eu vivo! E o olhar enfrento
Desse sol sagrado, de que sou descendente!
Por antepassado tenho o pai e mestre dos Deuses:
Meus ancestrais povoam o universo inteiro, e os céus.
Onde ocultar-me? Descerei à noite infernal.
Mas, não! Lá, meu pai detém a urna fatal,
Que o Destino pôs em suas inexoráveis mãos:
Nos Infernos, Minos julga os pálidos humanos.
Como não há de fremir sua sombra estupefata,
Ao ver a filha, a sua frente colocada,
Tendo de confessar tantos crimes e tão diversos,
Delitos, talvez, estranhos aos infernos.
Que dirás tu, meu pai, ante esse quadro horrível?
Imagino-te deixando cair a uma terrível
E vejo-te novo suplício procurando,
Transformado em carrasco de teu próprio sangue.
Perdoa-me. Um Deus cruel aniquilou tua família;
Sua vingança podes ver na loucura de tua filha.
Do espantoso crime, com seu opróbrio açulador,
Meu pobre coração o fruto não provou.
Até o último suspiro por desgraças perseguida,
Abandono, entre angústias, uma dolorosa vida." (págs.77-78)

Enone tenta dissuadi-la de tão funestos planos, mas Fedra, indignada, acusa a empregada de ter-lhe dado os conselhos errados que a conduziram à perdição: *"Não mais te ouvirei. Vai, criatura execrável, vai, deixa-me com meu destino deplorável."* Enone sai.

Ato V

Arícia aconselha Hipólito a contar a verdade ao Rei, mas o rapaz não quer *"cobrir de indigno rubor a fronte"* de seu pai. Diz à moça que só ela conhece *"esse horrível segredo".*

"HIPÓLITO
Meu coração para abrir-se tem só a ti e aos Deuses.
Não pude esconder-te – quanto te amo podes bem julgar –
O que eu pretendia de mim mesmo ocultar.
A revelação que te fiz tem de ficar secreta.
Esquece até mesmo que te falei, se puderes,
E que jamais tua boca tão pura, Arícia,
Permita-se narrar história tão horrível." (pág.80)

Hipólito propõe a Arícia que parta com ele e que busquem apoio em Esparta ou Argos, onde poderiam levar suas *"justas queixas".* Arícia diz que não poderia ser feliz no exílio, mas ele insiste em que eles fujam e se casem num templo às portas de Trezena, onde *"de um amor eterno confirmaremos o solene juramento."* Neste momento, chega Teseu e Hipólito se afasta. O rei ironiza o romance de Hipólito com Arícia dizendo à moça que o filho dele *"a outras*[13]*... fez ele a mesma jura: "Devias ter pedido mais fidelidade. Como suportavas essa divisão deplorável?"* Arícia coloca dúvidas na mente do Rei:

"ARÍCIA
Cuidado, senhor: vossas invencíveis mãos
De monstros sem conta libertaram os homens.
Mas nem tudo foi destruído, e deixais vivo
Um que... Vosso filho me proíbe prosseguir.
Sei da consideração que ele deseja preservar,
E eu muito o afligiria se ousasse terminar.
Imito seu pudor, e fujo de vossa presença
Para não ser forçada a romper o silêncio." (pág.84)

Teseu, agora em dúvida, pretextando querer conhecer *"toda extensão do crime",* manda chamar Enone e recebe a notícia de que a criada havia se lançado *"às águas do mar profundo"* e *"as ondas a levaram, de nós, para sempre".* Chega também notícia de que "*em Fedra cresceria a inquietação em sua alma aturdida".* Teseu percebe que há algo errado e convoca Terámenes:

"TESEU
Ó Céu! Enone está morta, e Fedra quer morrer.
Convoquem o meu filho, que venha me falar,
Que venha defender-se, estou pronto a escutá-lo!
Não cumpras, rogo-te, Tua promessa mortal,
Netuno. Não atende meu pedido jamais.
Talvez eu tenha confiado em testemunhas infiéis
E precipitei-me ao erguer-te as mãos cruéis.
Ah, que desespero o meu, Netuno, se agires!" (pág.86)

Terámenes, no entanto, traz as mais funestas notícias:

"TERÁMENES
Apenas deixáramos as portas da cidade
Ele estava em seu carro; sua triste escolta
Imitava seu silêncio, colocada à sua volta;
Pensativo, seguia pela estrada de Micenas;
Sua mão deixava, sobre os corcéis, flutuar as rédeas.
Os cavalos, que antes eram vistos soberbos
E plenos de nobre ardor a sua voz obedecer,
Mantinham os olhos tristes e a cabeça pendente,
Como que se conformando a seu triste pensamento.
Um aterrador bramido, emergindo das ondas,
Nesse instante, turvou dos ares o repouso;
E uma voz medonha, do seio da terra provinda,
Gemendo responde àquele grito terrível.
No coração, nosso sangue enregelou;
Dos corcéis, agora atentos, a crina eriçou.
Enquanto isso, no dorso da planície líquida,
Ergue-se, borbulhante, uma montanha úmida.
A onda vem, quebra-se e lança à nossa vista
Por entre vagas de espuma, um monstro enfurecido.
Sua fronte ampla exibe perigosas aspas (chifres)
E seu corpo se reveste de escamas amareladas;
Indomável touro, dragão impetuoso,

"THERAMENE
A peine nous sortions des portes de Trézène,
Il était sur son char. Ses gardes affligés
Imitaient son silence, autour de lui ranges;
Il suivait tout pensif le chemin de Mycénes;
Sa main sur ses chevaux laissait flotter les rénes.
Ses superbes coursiers, qu'on voyait autrefois
Pleins d'une ardeur si noble obéir à sa voix,
L'oeil morne maintenant et la tetê baissée,
Semblaient se conformer à sa triste pensée.
Un effroyable cri, sorti du fond des flots,
Des airs en ce moment a troublé le repos;
Et du sein de la terre une voix formidable,
Répond en gémissant à ce cri redoutable.
Jusqu'au fond de nos coeurs notre sang s'est glacé;
Des coursiers attentifs le crin s'est hérissé.
Cependant sur le dos de la plaine liquide
S'élève a gros bouillons une montagne humide;
L'onde approche, se brise, et vomit à nos yeux,
Parmi des flots d'écume, un monstre furieux,
Son front large est armé des cornes menaçantes,
Tout son corps est couvert d'écailles jaunissantes,
Indomptable taureau, dragon impétueux,

13. Nota do resumidor – Teseu refere-se ironicamente ao pretenso assédio do filho à madrasta.

Seu dorso faz curvas em espirais tortuosas.
Seus longos rugidos estremecem a praia.
Com horror, o céu vê esse monstro selvagem.
A terra silencia, o ar é empestado;
A onda, que o trouxe, recua apavorada.
Todos fogem, e sem armar-se de inútil coragem,
No templo vizinho cada um busca salvar-se.
Digno filho de herói, Hipólito solitário
Freia os corcéis e, de suas lanças armado,
Mira o monstro e com um dardo, lançado de mão firme,
Rasga-lhe, no flanco, uma grande ferida.
De raiva e de dor o monstro a corcovear
Vem, rugindo, tombar às patas dos cavalos;
Rola-se e escancara uma goela incendiária,
Que os cobre de fogo, de sangue e de fumaça.
O terror deles se apossa e ensurdecidos, agora,
Não mais obedecem nem ao freio e nem à voz;
Seu amo se consome em esforço impotente;
O bucal se tinge de espuma sanguinolenta.
Dizem mesmo que foi visto, nesse horror desordenado,
Um Deus aguilhoando seus flancos empoeirados.
O pavor os precipita por entre as rochas;
Range o eixo, que se quebra. O bravo Hipólito
Vê seu carro em destroços voar despedaçado;
Ele cai, pelas rédeas embaraçado.
Perdoa minha dor. Essa imagem cruel
Para mim será de pranto uma fonte eterna.
Eu vi, senhor, teu inditoso filho
Arrastado pelos corcéis que sua mão nutriu.
Ele tenta comandá-los, mas espanta-os sua voz.
Disparam. Já seu corpo todo é uma chaga só.
Na planície, ressoam nossos dolorosos gritos.
Sua fuga impetuosa arrefece, por fim;
Estacam não longe dessas tumbas antigas,
Em que jazem, de reis seus ancestrais, as frias relíquias.
Gemendo, com sua escolta corro para lá.
De seu generoso sangue, guiam-me os traços.
Os rochedos estao tintos, e as sarças gotejantes
Retém de seu cabelo os despojos sangrentos.
Eu me aproximo e o chamo. A mão ele me estende,
Abre os olhos agonizantes e os fecha, de repente.
'O Céu', diz ele, 'rouba-me a inocente vida.
Após minha morte, protege a inditosa Arícia.
Amigo: se meu pai, um dia, sabendo a verdade,
Chorar a desgraça de um filho injustamente acusado,
Para acalmar meu sangue e minha sombra intranqüila
Diz-lhe que trate com ternura sua cativa;
E que lhe entregue... 'Expirando ao dizer essa palavra,
Abandona em meus braços o corpo desfigurado,
Despojo triste, em que a ira dos Deuses se afirma,
E que o próprio pai não reconheceria." (pág.87-89)

Sa croupe se recourbe en replies tortueux.
Ses longs mugissements font trembler le rivage.
Le ciel avec horreur voit ce monstre sauvage,
La terre s'en émeut, l'air en est infecte,
Le flot, qui l'apporta, recule épouvanté.
Tout fuit, et sans s'armer d'un courage inutile,
Dans le temple voisin chacun cherche un asile.
Hippolyte lui seul, digne fils d'un héros,
Arrête ses coursiers, saisit ses javelots,
Pousse au monstre, et d'un dard lance d'une main sûre,
Il lui fait dans le flanc une large blessure.
De rage et de douleur le monstre bondissant
Vient aux pieds des chevaux tomber em mugissant,
Se roule, et leur présent une gueule enflammée,
Qui les couvre de feu, de sang et de fumée.
Le frayeur les emporte, et sourds à cette fois,
Ils ne connaissent plus ni le frein ni la voix.
En efforts impuissants leur maître se consume,
Ils rougissent le mors d'une sangiante écume.
On dit qu'on a vu même, en ce désordre affreux,
Un dieu qui d'aiguillons pressait leur flanc poudreux.
A travers des rochers la peur les precipite.
L'essieu crie et se rompt. L'intrépide Hippolyte
Voit voler en éclats tout son char fracassé;
Dans les rênes lui-même il tombe embarrasse.
Excusez ma douleur. Cette image cruelle
Sera pour moi de pleurs une source éternelle.
J'ai vu, Seigneur, j'ai vu votre malheureux fils
Trainé par les chevaux que sa main a nourris.
Il veut les rappeler, et sa voix les effraie;
Ils courent. Tout son corps n'est bientôt qu'une plaie.
De nos cris douloureux la plaine retentit.
Leur fougue impétueuse enfin sa ralentit.
Ils s'arrêtent non loin de ces tombeaux antiques
Oú des rois ses aïeux sont les froides reliques.
J'y cours em soupirant, et sa garde me suit.
De son généreux sang la trace nous conduit.
Les rochers en sont teints; les ronces dégouttantes
Portent de ses cheveux les dépouilles sanglantes.
J'arrive, je l'appelle, et me tendant la main,
Il ouvre um oeil mourant qu'il referme soudain.
Le ciel, dit-il, m'arrache une innocente vie.
Prends soin aprés ma mort de la triste Aricie.
Cher ami, si mon père un jour desabusé
Plaint le malheur d'un fils faussement accusé,
Pour apaiser mon sang et mon ombre plaintive,
Dis-lui qu'avec douceur il traite as captive,
Qu'il lui rende... A ce mot ce héros expiré
N'a laissé dans mês bras qu'un corps défiguré,
Triste objet, ou des Dieux triomphe la colère,
Et que méconnaîtrait l'oeil méme de son père."

Fonte: Racine, Jean, *Phèdre, Paris: Éditions du Seuil, 1946*

Teseu, dominado pela dor, amaldiçoa os deuses que o atenderam e profetiza seu próprio futuro: *"A que mortais remorsos minha vida está voltada!"*

Terámenes continua o relato dizendo que Arícia havia encontrado o corpo de Hipólito, mas, não o reconhecendo, *"por ele ainda pergunta*(va)".

Entra Fedra e Teseu lhe diz: *"Triunfaste, afinal, e meu filho já não vive".* A Rainha, que havia tomado veneno, confirma a inocência de Hipólito:

"FEDRA
Cada instante me é precioso, escuta-me, Teseu:
Fui eu que, a esse filho respeitador e casto,
Ousei mirar com incestuoso e profano olhar.
O Céu ateou em meu seio uma chama funesta;
A detestável Enone planejou o resto.
Ela temia que Hipólito, sabendo de meu ardor,
Falasse dessa chama, que lhe causava horror.
A pérfida, valendo-se de minha fraqueza extrema,
Para acusá-lo, correu a tua presença.
Ela já se puniu e, de minha ira escapando,
Nas ondas do mar achou um suplício brando.
Meu destino já teria sido, a ferro, truncado,
Se a plangente virtude sob suspeita eu não deixasse.
Escolhi, ao confessar-te meu remorsos,
Por estrada mais lenta descer até os mortos:
Tomei, fiz correr em minhas crepitantes veias,
Uma poção que Medéia[14] trouxe para Atenas.
O veneno, alcançando já meu coração,
Lança um estranho frio em meu seio agonizante.
Já mal distingo, por entre uma névoa densa,
O céu e o esposo, que a minha presença ofende.
E a morte, aos olhos meus roubando a claridade,
Devolve toda pureza à luz, por eles maculada." (págs.90-91)

Fedra morre e Teseu conclui:

"TESEU
Se com Fedra pudesse
Expirar a memória de fatos tão funestos!
Ai de mim! Consciente de meu erro, vou
Juntar meu pranto ao sangue de um filho inditoso.
Vou abraçar os restos de meu amado filho,
E expiar a demência de um cruel pedido.
Rendamos, a Hipólito, as merecidas honras;
E para bem apaziguar sua exasperada sombra,
Embora as urdiduras de uma estirpe iníqua,
Sua amada, de hoje em diante, considero minha filha." (págs.91-92)

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos foram adaptados de "Fedra", Editora Mercado Aberto, 1999, Porto Alegre, tradução de Ivo Bender).

14. Nota do resumidor – Medéia é, segundo algumas tradições, tia de Fedra e havia envenenado as vestes de uma rival que disputava com ela o amor de Jasão, daí sua fama de feiticeira.